



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD
DIRETORIA DE PROCESSOS SELETIVOS - DIRPS



DISCIPLINA - FILOSOFIA

QUESTÃO 1

A) (10 PONTOS)

O surgimento da *polis* possibilitou ao homem uma nova forma de pensamento, pautada na racionalidade, ao perceberem que as explicações mitológicas não eram suficientes para explicar a realidade última do mundo (*arché*). Assim, surge na *polis* um tipo de discurso, pautado na racionalidade, na lógica e na argumentação crítica, classificado como *logos* (filosofia). Os filósofos, fazendo uso do *logos*, se dedicavam ao debate político, ético e social, aos quais se apresentavam como problemas típicos da *polis*. Por fim, a *polis* representa um espaço público para o cidadão (*demos*), possuidor do *oikos* (homem adulto, proprietário de terras e de escravos, livre e natural da cidade) – tempo livre para direcionar seu pensamento para questões filosóficas ligadas aos problemas da cidade, exercendo, assim, o pensamento filosófico.

B) (10 PONTOS)

A filosofia de Sócrates tem como base o método dialético, no qual o debate entre os interlocutores é fundamental. A *ágora* representa um espaço para o exercício da democracia plena, na qual, não só o voto do cidadão era considerado, mas também o seu direito à palavra e ao discurso. Pelo fato da filosofia de Sócrates ser plenamente fundamentada na oralidade, a *ágora* se torna o espaço em que a dialética socrática era exercida. No diálogo, o objetivo da filosofia de Sócrates era levar seu interlocutor à maiêutica (parto de ideias), que era precedida pela exortação, na qual Sócrates instigava seu interlocutor a uma definição sobre determinado assunto, e pela ironia e refutação, em que eram reveladas as carências e contradições da definição apresentada pelo interlocutor, levando ao reconhecimento de sua própria ignorância.

QUESTÃO 2

A) (10 PONTOS)

Não foram poucos os motivos que levaram parte dos primeiros cristãos a rejeitarem a filosofia grega. Entre os quais, destacam-se: a afirmação da suficiência da Fé Cristã para bem conduzir a vida humana, que fazia com que o modo de pensamento grego, considerado pagão, fosse uma ameaça para essa mesma Fé, pois poderia induzir ao pecado, à dúvida e às heresias. Além disso, um dos fundamentos do pensamento Cristão é a afirmação de que a Fé é superior à razão, o que fez com que alguns dos primeiros padres chegassem mesmo a descartar quase que por completo a razão. Nesse caso, Deus fornece, pela Fé, um caminho direto para a salvação, podendo a filosofia representar a ocasião para o desvio. E, finalmente, não caberia ao filósofo, ou à filosofia, buscar a verdade, uma vez que ela já havia sido revelada, mas, tão somente, demonstrar racionalmente as verdades da fé, que não podem ser contraditas pela razão.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD
DIRETORIA DE PROCESSOS SELETIVOS - DIRPS**



B) (10 PONTOS)

Um dos exemplos é a “Teoria da Reminiscência” de Platão. Santo Agostinho se aproxima completamente da filosofia de Platão e nela se inspira, para elaborar a sua “Teoria da Iluminação Divina”. Para Platão, o conhecimento é possível por um processo de reminiscência, pois todo o conhecimento jaz no interior de cada indivíduo, sendo o aprendizado nada mais do que a ocasião do reencontro da mente pensante com o conhecimento latente, que pode ser contemplado como verdade, no mundo das ideias. Desta forma, partindo dos pressupostos estabelecidos por Platão, Agostinho elabora a Teoria da Iluminação Divina, na qual o indivíduo deve se converter à fé cristã para ter acesso ao conhecimento, procedimento que foi considerado como uma cristianização do platonismo e que influenciou decisivamente o desenvolvimento do Cristianismo. Outro exemplo é a distinção feita por Platão, entre a realidade sensível e a realidade inteligível, ou mundo das ideias, sendo esta última a fonte verdadeira dos elementos da primeira, que não passam de cópias. Santo Agostinho se inspirou nessa distinção, feita por Platão, para propor a sua Cidade de Deus (céu), que representa e fornece a verdade que o mundo [Cidade dos Homens] não pode oferecer.

QUESTÃO 3

A) (10 PONTOS)

Com a expressão “Cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo o seu poder sob a direção suprema da vontade geral”, Rousseau explica a formação da soberania e da autoridade do Estado por meio do contrato social. Para Rousseau, a soberania é a vontade geral do povo, que prevalece sobre as vontades individuais. Pelo contrato social os indivíduos tornam-se o povo, um todo indivisível, um corpo político, para o qual transferem os seus direitos naturais transformando-os assim em direitos civis. Assim sendo, a autoridade do Estado e o governante não são o soberano, mas os representantes da soberania popular, e por isso jamais originarão um regime autoritário.

B) (10 PONTOS)

Para a teoria do contrato social de Rousseau, os indivíduos associados coletivamente se comportam de dois diferentes modos enquanto corpo político. Quando na condição ativa de partícipes da soberania e nela se fazem representar são cidadãos, por outro lado, enquanto se submetem às leis e à autoridade do governante que os representa, de modo passivo, chamam-se súditos. Neste sentido, são cidadãos do Estado e súdito das leis.

QUESTÃO 4

A) (10 PONTOS)

Para Sartre, a existência do homem precede a essência. Quer dizer que, no homem, não há uma essência prévia de homem que defina e que determine o homem a ser. Ele mesmo é que faz a si próprio na medida em que se projeta no mundo. O homem existe primeiro e só depois se escolhe, se projeta, não há uma natureza humana dada a priori. Com isso, Sartre rejeita a concepção de que



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD
DIRETORIA DE PROCESSOS SELETIVOS - DIRPS**



há um determinismo na consciência e afirma que o homem é absolutamente livre. Para Sartre, essa liberdade é negativa, pois, como não há uma essência humana prévia, o homem está condenado a ser livre e, nessa condição, ele acha-se obrigado a buscar, através de suas decisões e escolhas, um sentido para sua existência. Sartre assinala que a liberdade da consciência é um nada de ser, é um vazio. O filósofo tira essa concepção do princípio de intencionalidade de Husserl: toda consciência é consciência de alguma coisa. Esse princípio designa dois fatos: de que a consciência é uma abertura para o mundo, de que sua existência consiste em revelar o mundo para si, e que não há consciência que não seja consciência de algum objeto. Mas Sartre salienta que a consciência não pode ser objeto para si mesma, pois todo objeto está fora dela, é um transcendente. No ensaio *A Transcendência do Ego*, Sartre afirma que o próprio “eu” é um objeto para a consciência, ele, portanto, não é um habitante da consciência, mas está fora dela, no mundo, é um ente do mundo como o “eu” do outro. A consciência é chamada por Sartre de Para-si, quer dizer, todo o mundo é dado para a consciência.

B) (10 PONTOS)

A liberdade da consciência, por um lado, significa que sua existência não tem um fundamento, uma razão, e que o homem simplesmente existe no mundo sem uma justificação para o fato de ele existir. A sua existência é gratuita. Por outro lado, como a consciência é livre, ela é inteiramente responsável por si mesma, quer dizer, é ela mesma que responde por suas decisões e escolhas. O homem tem a total responsabilidade por si próprio. Mas essa responsabilidade também implica que o homem é responsável por todos os outros. O homem, ao escolher a si mesmo, escolhe todos os homens. Com efeito, não há um só dos nossos atos que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que ele deve ser, escolher ser isto ou aquilo, é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos. É o homem que livremente confere sentido e valor às coisas, sendo responsável por tal valor e sentido. A tarefa do existencialismo, como humanismo, é mostrar ao homem a sua condição de livre e responsável, porque o homem tem sempre a tendência de estar de má-fé, mascarando sua liberdade e responsabilidade colocando a culpa nos outros, no determinismo, etc. E que a sua conversão ética é assumir sua liberdade e responsabilidade.